

## BEBGORÓROTI

## Uma figura mitológica dos índios Gorotire

Pe D ANTÔNIO LUKESCH

Os índios *Gorotire* — uma subtribo dos Caiapó do norte (Jê) na bacia média do Xingu, de cujo mundo espiritual se procura aqui revelar alguns aspectos — vivem ainda hoje sua genuína vida tribal. Na mitologia deste povo, *Bebgoróroti* sem dúvida é a figura mais importante e significativa. Todas as lendas e histórias que aqueles índios contam, referindo-se a ele, revelam os indícios que geralmente são tidos como critérios típicos de mitos autênticos e verdadeiros. Basta mencionar entre ele o nome de *Bebgoróroti*, e logo suas fisionomias se tornam sérias, quase solenes.

A tentativa de conseguir alguns elementos que facilitem a explicação das linhas da personalidade desta figura mitológica, pelo seu nome de *Bebgoróroti*, não se torna muito satisfatória. Os *Gorotire* têm nomes próprios que com significado translato como por exemplo *Tep* — “peixe” e outros que não têm, ou porque são palavras antiquadas, não mais compreensíveis, ou porque são derivadas da língua de outras tribos. Indagando a respeito do nome *Bebgoróroti*, os índios que danças sempre mostravam esmerado zelo em explicar o nome duma pessoa, ao autor invariavelmente foi dada a resposta: *Bebgoróroti*, *idyí bit-Bebgoróroti* “é nome apenas” *Idyí kaigó* “(e) nome à toa”, quer dizer que não tem significado nenhum. Uma análise linguística dessa expressão *Beb-goróro-ti*, dá o seguinte resultado: *Beb*, *Beb*, que aliás é usada às vezes como abreviação do nome completo, quer dizer caçula. Interessante é que na língua dos Apinajê, idioma relacionado com a língua — *Caiapó* dos nossos índios, há uma palavra *Péb* que significa guerreiro, (NIMUENDAJU CURT, *The Apinayé*, Washington D C 1929 pp 36/37) *Coróro* — não tem atualmente significado, possivelmente representa uma onomatopéia do ruído do trovão, *Tí* é sufixo aumentativo.

Muitos nomes próprios masculinos dos *Gorotire* são compostos por este vocábulo *Beb*, como por exemplo *Beb-Ngrí* — (*Ngrí* — pequeno *Beb-ine* (*I*, *In*, *Ine* — *tripa*) *Beb-Kói* (*Koi*, *Koit* — ferro, faca, ferramenta), *Beb-Tóit* (*Tóit* — forte) *Beb-Punú* (*Punú* — feio) etc; porém o autor não pode verificar sinais exteriores de que os índios estejam acreditando em relações mais íntimas entre os possuidores daqueles nomes e *Bebgoróroti* ou duma suposta espécie de patrocínio dele sobre os índios que levam estes nomes.

Ele é chamado também *Meõ Be Ná*, “(o) homem que se transformou (em) chuva” ou, apenas *Ná* — “(a) chuva, mau tempo, trovoadas, época da chuva (inverno)”. Por exemplo chamam eles a filha de *Bebgoróroti* que é a heroína dum grande mito de *Na-Krá* “(da) chuva — (*Bebgoróroti*) (a) filha”. Muitas vezes na ampla e aberta caatinga que começa na bacia média do Xingu e se estende às fronteiras do Pará e Mato Grosso, delimitando, a pátria dos nossos índios, durante o mau tempo as forças da natureza mostram poder esmagador diante do homem, incapaz de proteger-se contra elas. As mais violentas trovoadas, acompanhadas de tempestades inclementes, se verificam no início do tempo chuvoso isto é nos meses de setembro e outubro. Nesta época o céu sereno e límpido pode repentinamente cobrir-se de nuvens que assumem formas as mais fantásticas e estranhas, figurando penhascos, montes dum branco brilhante, cabeças e carrancas de gigantes, variando constantemente de tonalidades, desde a côr de chumbo ameaçador até ao preto profundo a querer envolver tudo em escuridão. Ao precipitar da chuva, que não demora em cair torrencialmente, acompanhada dos trovões retumbantes e do falcão dos relâmpagos, muitas vezes a gente da aldeia indígena, homens, mulheres e crianças, com suas armas, arcos, flechas, tacapes, lanças e utensílios domésticos, cestas, cabaças, etc fogem das suas choupanas de palha, que não oferecem mais abrigo seguro, buscando salvar a vida e seus haveres. Em outubro de 1953, uma índia encontrou a morte ficando enterrada pela própria casa, durante uma dessas tempestades na aldeia *Gorotire*. E em outubro de 1954, entre outras destruições o vento derrubou também o teto da nossa casa na aldeia *Kubenkrákéin*. Não é raro que um índio perca a sua vida atingido por um

raio, seja nas viagens e longas caçadas na vastidão da caatinga, dentro das selvas, ou na aldeia. Quem já foi testemunha da tremenda força e violência dos elementos desencadeados, nesta região, compreenderá melhor a figura de *Bebgoróroti* que os índios em sua imaginação acreditam identificá-la e reconhecerá-la através delas.

Outro fato que pode contribuir para o esclarecimento e a explicação da personalidade do homem que sua ira justificada transformou-se no mau tempo, na trovoadas, na chuva, logrando poder e forças sobre-humanas, é, que ele representa muito bem o ideal daqueles índios do *Meõ—Tóit* (homem forte, poderoso) do *Meõ Dyókre*, (do homem valente) ou seja, o que sabe lograr êxito pela força do seus músculos, pelo seu espírito, sua experiência, sua astúcia, e que vinga infalivelmente as ofensas e prejuízos que lhe forem causados diretamente, ou a sua família, à parentela e à tribo, pelos seus inimigos. Porém o autor não concorda com a descrição dêsse ideal em côres tão sombrias como o faz HORACE BANNER, descrição exagerada que culmina na frase patética sobre os nossos índios, de que "vivem para matar" (BANNER HORACE, "A Casa dos Homens Gorotire" *Revista do Museu Paulista*, N.S Vol 6 p. 457) Essa concepção ideal da vida de forma nenhuma comporta apenas qualidades negativas; ao contrário contém também muitas cousas que nós consideramos como verdadeiras e genuínas, virtudes viris, como por exemplo coragem, perseverança, sabedoria e fidelidade à família, ao povo da aldeia e à tribo.

A convivência nas duas aldeias de *Gorotire* (situada à margem do rio Fresco, afluente do Xingu), e de *Kubenkrâkein* (à margem do Riozinho afluente do rio Fresco), com aqueles índios convence de que os mais prestigiosos entre eles são os homens velhos *Me—Ben—Cuet* "homem (s) (que) é (são) velhos (s)" Assim são considerados todos os solteiros ou casados de idade superior a uns 35 anos, bem como todos os que têm dois ou mais filhos. Salientam-se em prestígio na tribo, dentre os *Me—Ben—Cuet*, aqueles que estão no pleno poder das suas forças físicas e psíquicas, precisamente os guerreiros, os mais traquejados entre os melhores caçadores, os discursadores na praça redonda da aldeia, os melhores narradores de aventuras de caçadas, ou de lendas e mitos, finalmente os grandes animadores e líderes nas danças e festas, além dos que têm grande parentela.

É a classe dêsses homens que, chefiada simultaneamente pelos dois caciques, *Benyadyóre* existentes em cada aldeia, dirige e domina a vida do povo dos *Gorotire*. Aquêles homens usam no lábio inferior perfurado um grande disco de madeira pintado de urucu chamado *Akokako*. Antes duma ação guerreira, de um ataque ao inimigo ainda quando têm a intenção de executar uma vingança pessoal, pintam o rosto e o corpo de preto e amarram os fortes cabelos que lhes caem até os ombros por um nó acima da nuca. A valentia e a força que constituem também sua ambição e seu orgulho, provam-se para os *Gorotire* sobretudo em feitos praticados de violência. A prova mais ilustrativa e convincente é certamente a morte causada ao inimigo. O cumprimento de um tal feito é permanentemente recordado e expresso em marcas exteriores, encravadas muitas vezes no próprio corpo. Assim muitos *Me—Ben—Cuet* ostentam lateralmente no peito largo os riscos finos e azuis duma tatuagem que, até há pouco tempo, era somente concedida aos homens que haviam matado um inimigo.

Muitos traços da vida, de mentalidade e dos ideais daqueles homens estão se refletindo no mito e na personalidade de *Bebgoróroti*.

Diz a tradição, que em tempos remotos viveu um índio dêsse nome na grande aldeia dos *Gorotire*, êle era casado e tinha vários filhos. Os índios denominam sua esposa apenas de *Bebgoróroti—Prón* "(de) *Bebgoróroti* (a) esposa" — Dos filhos — *Bebgoróroti—Kra* "(de) *Bebgoróroti* (os) filhos" nunca indicam um determinado número. A palavra *Caipora*, "*Kra*" tem significado masculino e feminino. Fala-se quase sempre somente de filhas de *Bebgoróroti* e os índios sabem indicar apenas o lindo nome de uma dessas filhas de *Nyobog—Tí* "(a) Luz Grande".

Conforme a sua lenda famosa, um dia nosso herói foi enganado duplamente pelos seus compatriotas, junto dos quais saíra pelo mato a fazer uma caçada. Mataram então uma anta, e segundo a lei costumeira da caçada devia ser dado a *Bebgoróroti* o direito a uma parte da presa. Foi êle também que estripou e talhou a caça justificando assim mais uma vez para si o direito a um pedaço de carne. Os companheiros traiçoeiros e cobiçosos deixaram-lhe apenas as tripas, dividindo num momento da sua ausência toda a carne entre si. Na sua justificada ira *Bebgoróroti* abandonou os companheiros e retirou-se abruptamente levando as mãos tintas pelo sangue da anta. Ir-se embora alguém inopinadamente exclamando quando muito *Ba—On* "eu vou embora (vou-me

embora) ou *Guai-On* — “Vamos embora” sem justificar com algumas palavras o motivo da retirada como por exemplo *Krima Ten* “a casa (eu) vou “ou *Ba Nôro Pram*” — “eu (de) dormir (tenho) fome”, também hoje na aldeia muitas vezes significa que tal pessoa está magoada e ressentida e guarda consigo um intento de represália

Reza a lenda que no dia dessa caçada *Bebgoróroti* voltou para casa e raspou a cabeça da mulher e dos filhos, deixando aberto um triângulo das temporadas ao cocuruto e ordenou à mulher fazer-lhe a mesma cousa. Depois ainda cheio de ira por causa da injustiça ao mesmo causada pelos companheiros da caçada saiu pelo mato a dentro onde achou o jenipapo. Voltou para casa e com aquela fruta mastigada pintou-se e os seus o rosto e o corpo de preto

Até hoje os *Gorotire* usam aquela raspagem da cabeça, motivo por que os habitantes de sua grande aldeia à beira do Riozinho e a esta aldeia mesma foi dado o nome de *Ku-Ben Krá-Kém*, “gente (com a) cabeça pelada”, pelos outros grupos dos Calapó e os civilizados. Além do rubro urucu — *Pu*, usam carvão *Pori-Prô* e jenipapo — *Mroti* (preto) para pintar-se. Se perguntarmos porque procedem assim receberemos muitas vezes a resposta geralmente dada quando fazemos perguntas semelhantes indagando o motivo de muitos outros costumes:

*Biri* = “porque sim” e insistindo nas perguntas: *Biri Beb Goróroti mroti yog pron-me krá-me kuté mroti ôyóg* — “porque *Bebgoróroti* (com jenipapo pintou a si, (a) espôsa — e (os) filhos — também também (de) jenipapo fêz-pintados”

O mito revela também que *Bebgoróroti* despediu-se da família e saiu outra vez para o mato. De lá fêz para si um poderoso tacape-espada tingindo-o de preto com jenipapo e a ponta de vermelho com as mãos sangrentas do sangue da anta

Os *Me-Ben-Cuet*, os velhos guerreiros da aldeia ainda hoje fazem tacape-espadas até 1,6 metro de altura com haste plana alargando-se até a ponta chata e os cantos da haste e da ponta agudos, amolando-a bem com pedras e água à beira do rio, polindo-a até que pareça coberta de verniz. Usam esta arma vigorosa segurando-a com as duas mãos, para a luta ou em certas cerimônias e festas, ou quando projetam tirar vingança, pintam-na de preto e encarnado como *Bebgoróroti* o fêz.

Conta o mito que *Bebgoróroti*, de tacape-espada nas mãos subiu por uma serra até o céu. Os homens da aldeia pressentindo seus pensamentos sombrios e funestos de vingança sangrenta e temendo-a puseram-se a persegui-lo. *Bebgoróroti* vociferou contra eles e seus gritos foram como aqueles dos caçadores que vão para matar porcos bravos e tornaram-se no retumbar do trovão.

Quantas vezes na aldeia meio escura, na hora da madrugada, podemos ouvir os gritos altos e ferozes dos homens partindo para a caçada ressoando e ecoando nas selvas e serras, ficando sempre mais fraco e perdendo-se com o afastamento dos caçadores.

Diz a lenda ainda que os homens da aldeia com as suas flechas em vão atiraram em *Bebgoróroti*, não podendo jamais feri-lo

Em revide lançou êle seu tacape-espada contra os perseguidores arremessando-lhes relâmpagos e matando a todos exceto os que se haviam escondido no mato. Efetou-se assim conforme a crença dos *Gorotire* a transformação dêste homem no mau tempo na chuva e trovoadas. Foi para o céu e continua êle a andar por cima do firmamento de um lado para o outro causando chuvas, trovoadas e tempestades na terra, matando com os coriscos lançados do seu tacape-espada os seres da terra vingando a injustiça de que fôra vítima naqueles dias de sua vida terrena.

Apesar desta transformação *Bebgoróroti* nas idéias dos *Gorotire* conservou sua figura original apresentando-se em tôdas as visões que êles contam com corpo e físico humano.

O lugar por onde êle anda, segundo a crença, é *Koikwá* (o) céu. Chamam assim o firmamento que imaginam como abóbada sólida cobrindo a terra, uma espécie de teto sobre o mundo. Usam o mesmo nome de *Koikwá* para o lugar em cima dêste teto. Pensam que aquêle céu é semelhante ao mundo tendo de lá também a caatinga e as selvas com caça e rios com peixes. A lenda *Koikwá-Kan Kré* — “(o) céu-dentro (o) buraco” nos conta que em tempos remotos todos os *Gorotire* estavam no céu, até que um buraco na selva para caçar um tatu perfurou o céu e êles desceram num cabo comprido para a terra. Um menino cristão cortou o cabo e foi por isso que uma parte dos índios ficou no céu. Como também os próprios índios mesmos asseguraram repetidamente ao

autor *Bebgoróroti* não tem nada a ver com aquêles *Gorotíe* do outro mundo, os seus descendentes ou com outros cidadãos celestiais

Dizem apenas que depois de uma temporada também já em tempos remotos *Bebgoróroti* levou sua família para o céu como aliás ensina também o citado mito da sua transformação e a lenda segundo a qual êle trouxe o fogo à humanidade, a respeito da qual falaremos adiante Terminam as duas lendas com a frase:

*Ariúp muturuére kram-tí Begorórotí prón-me krá-me koikwá kam õ-uabi* — já (faz) meses (uma multidão grande (muitos) (que) *Bebgoróroti* (a) espôsa — e (os) filhos céu-para fêz-subir levou)

Há na concepção daquele outro mundo onde está *Bebgoróroti*, segundo a tradição de nossos índios uma vaga e leve analogia com uma bem-aventurança celestial considerando-o como lugar de fartura Isso revela também a lenda *Me-õ be na krá Me-õ* — humano ser homem ou mulher, aqui no sentido feminino; *Be* = é, foi, *Na* — chuva, (*Bebgoróroti*); *Krá* — filho ou filha, aqui no sentido feminino (mas tem outra versão da lenda mais abreviada que conta uma história semelhante dum filho de *Bebgoróroti*)

Diz aquela lenda que *Nyobog-Tí* — "(a) Luz Grande", a filha de *Bebgoróroti* desceu do céu e se casou com um índio Quando um belo dia ela e a família passavam fome disse para o marido *Onyia koikwá-kam i-bám, i-ná? i-kwanikwói yód-me turuti-me mób-me móia komét kumrént* — "De lá céu-dentro meu-pai, minha mãe, minhas irmãs (tem) inhame-e banana-e batata doce também, cousas muitas, em verdade".

Atrada pelo marido, servindo-se de uma palmeira elástica *Nyobog-Tí* foi pelos ares voando para o céu Voltou à terra e de novo trouxe muitas plantas e frutas nutritivas e o primeiro *Dyô* a massa de mandioca, beiju, como o chamam os nortistas, de seu pai no céu a terra Diz a lenda o seguinte.

*Mói komét kuté obói, mób-me yód-me turuti-me kwóro-me dyô-me* — "cousas muitas ela trouxe batata doce-e inhame-e bananas-e mandioca e beiju também"

*Bebgoróroti*, conforme as crenças dos *Gorotíe*, mostrou-se ainda várias vezes como benfeitor da sua família e, pelo menos indiretamente também de todos os índios e da humanidade

Acreditam por exemplo os *Gorotíe* que em tempos remotos os homens não tinham o fogo Disseram-nos muitas vezes *Amrebé me-õ kuú pumúú ket* — "(em) tempos idos homens fogo conheceram não" Dizem também que naquela época os índios assaram a massa de mandioca para fabricar o beiju do qual êles gostam tanto, em cima de pedras ao sol ardente do meio-dia Além da lenda aliás estendida entre outras tribos também, que diz que o fogo veio de uma onça, tradição à qual êles dão o título *Rob-króie kuú* — "(da) onça (o) fogo", tem outra com o nome *Bebgoróroti kúú obói* — "*Bebgoróroti* (o) fogo traz" Esta lenda conta que depois da sua subida ao céu e sua transformação em chuva deixando para trás na terra a sua família, *Bebgoróroti* certo dia desceu à terra apenas para trazer duas varetas de pau seco e ensinar a fazer fogo atritando a extremidade de uma vareta contra um dos vários orifícios perfurados na extensão da outra encostando folhas secas até conseguir inflamá-las ao calor obtido pela fricção das varas Diz a lenda:

*Bebgoróroti puká-kam rua Prón-me krá-me pin amáikrut idyi róro o-bói me kúú kuté akré* — "*Bebgoróroti* terra à desceu (a) espôsa-e (aos) filhos — também paus dois trouxe e (o) fogo acendeu (lhes) ensinou"

Os índios cuidam de conservar o fogo levando consigo freqüentemente um tição que mantém aceso girando-o rapidamente nos ares e conduzindo-à roça, ao banho, às caçadas e pescarias Quando o fogo se extingue ainda hoje se pode vê-lo aplicando o processo primitivo ensinado por *Bebgoróroti*

Ê atribuído a êle pelos *Gorotíe* a faculdade de poder do céu enxergar a sorte dos homens e que está pronto a proteger os seus bens queridos contra os malfetores

Isso consta entre outros também da já citada lenda *Meõ be na-krá* "(a) mulher (que) é (da) chuva (a) a filha"

Como já referimos, conta essa lenda da filha de *Bebgoróroti*, *Nyobog-Tí* que, descido à terra, casou-se com um índio e da visita que ela fêz ao pai no céu trazendo à terra plantas nutritivas bananas e o primeiro beiju Continua a lenda que *Bebgoróroti* retribuiu a visita descendo do céu à terra com a espôsa e as outras filhas para trazer a *Nyobog-Tí* e a sua família ainda mais comida Antes de subir de novo ao céu com a sua família celestial, *Bebgoróroti* recomenda ao genro tratar bem a querida filha, cuja vida mesmo lá do céu êle acompanha sempre velando e protegendo Disse assim:

*Kwarikwai i-krá kuruaia ket omō uabi koikwá-kam-i-krá pumúí ôdyó* — “não-deves minha — filha bater não vou-me embora (e) subo (para o céu) (do) céu — dentro minha — filha ver-e proteger continuo”

Existe entre os *Gorotire* também uma concepção se bem que fôsse pouco clara e certa de um poder de realza de *Bebgoróroti* sobre a humanidade do qual dá testemunho uma visão noturna no mato que conta *Te-tyég* (perna fraca), o ancião mais idoso (uns 88 anos) da aldeia *Kubenkrākéin*

Diz que essa aparição surgiu ainda nos tempos em que todós os grupos dos *Gorotire* viviam juntos numa grande aldeia *Krimét-Ti* distante cêrca de dois dias de viagem pelo sul da aldeia hodierna *Kubenkrākéin* num lugar que êles chamam *Pukáto-Ti* (terra da festa grande) e quando êle mesmo era ainda moço

Diz que *Bebgoróroti* naquela noite apareceu em figura humana. Não apagou o fogo que o índio tinha acendido ao lado de um buraco no mato feito por êle a fim de apanhar um tatu. Assim *Bebgoróroti* para os índios já mostrou suas intenções pacíficas porque êles acreditam que espíritos maus e almas dos mortos inimigos apaguem soprando o fogo. Então *Bebgoróroti* perguntou ao índio o que êle estava fazendo. O índio disse que estava preparando um buraco para apanhar um tatu. Finalmente o índio usou a pergunta: “Com quem eu estou falando?”

*Mói meō ba yarén kabén* — “(a) que homem eu falando falo?” Envocou *Bebgoróroti* então sua plena dignidade assim:

*Ba pudyí kuní mebemorké benyadyóre* — “eu (sou) (o) uno (único) (de) todos (os) *Gorotire* (índios, homens) (o) cacique (chefe, senhor, rei)” O vocábulo *Mebemokré* é denominação que os *Gorotire* dão a si mesmos mas é usada muitas vêzes no sentido mais amplo de índios ou humanidade inteira.

Pouco depois de ter proclamado seu govêrno do mundo, diz *Te-Tyég*, que *Bebgoróroti* desapareceu de novo determinando ao índio que não divulgasse a ninguém a sua aparição ..

*Kwarikái meō móia yarén ket* — não debes (aos) homens (das) cousas, (da visão) contar nada!

Porém as idéias dos índios sobre a execução dêste poder de *Bebgoróroti* sobre a humanidade parecem muito restritas. Além das flagelações e tormentos dos homens pelo mau tempo, chuvas torrenciais, tempestades e trovoadas que lhe são atribuídas e com os quais êle é até identificado por causa da sua antiga vingança, além dos singulares casos em que se mostra como benfeitor de sua família e dos índios e das visões que os *Gorotire* contam nas quais êle apenas aparece sem exigir e pedir nada não falam de uma intervenção dêle no destino dos homens.

Nunca ouvimos falar que êle tivesse castigado um crime atual na aldeia ou que êle ajudasse os homens bons e virtuosos e respectivas perguntas nos foram sempre estritamente negadas pelos índios

O autor não pôde verificar até agora os mínimos traços dum culto exterior para esta figura mitológica, uma espécie de orações em seu louvor, para pedir-lhe uma boa safra, o feliz êxito duma guerra, uma presa na caçada ou para agradecer-lhe um favor nem sequer um apêlo dirigido a êle pedindo o apoio num perigo ou o livramento duma doença.

Pelo contrário, pode-se observar justamente quando *Bebgoróroti* mostra seu pleno poder um comportamento dos índios que parece bem diverso a uma veneração. Acontece sempre de novo durante uma das trovoadas horríveis, no início do inverno, quando a chuva cai em torrentes, a tempestade ameaça destruir as casas, os trovões, retumbam e os relâmpagos faiscam, que os homens da aldeia levantam o punho imprecando contra o céu. Injuriam *Bebgoróroti* e zombam dêle para criarem coragem, até com as mesmas palavras, como os seus antepassados quando *Bebgoróroti* subiu ao céu pela serra acima lançando os primeiros raios contra os seus perseguidores, exclamando:

*Meō ta ét uabō met* “homem êste mente (faz sômente zuada) (em verdade é apenas) manso demais”

São muito vagas as idéias dos *Gorotire* sobre a vida depois da morte das almas dos defuntos, *Me-tuk-ō karón* “— humanos — mortos — seres almas” (espíritos); *Me karón* — “(do) homem (a) alma” (espírito); *Karón* “alma” espírito, sombra, imagem etc). Falam duma vida assombrosa daquelas almas dos mortos duma moradia delas apenas passageira no *Ken-Kikré* — (de) pedras, rochedos (a) casa”, uma formação fantástica de rochedos longe fora na caatinga, de estada passageira dêles em lugares sombrios e funestos como o cemitério, alguns lugares do mato fechado, viagem das almas pelo mato e na

caatinga e suas visitas nas aldeias assustando e trazendo o mal, doenças e até a morte aos índios. Falam também que uma aldeia dos mortos no céu *Me-tuk í krimét koikwá yúki* é (dos) humanos mortos sêres (a) aldeia céu (firmamento) por cima” (Veja o autor, *Über das Sterben bei den nördlichen Kayapó-Indianer, Anthropos*, vol. 51, 1956 pp. 967-984) — Porém não descobrimos uma lenda nem ouvimos falar entre os *Gorotîre* que *Bebgorórotî* tivesse relações com os mortos e suas almas, exercesse um poder sobre eles ou interferência nos seus destinos assombrosos.

Um episódio que chegamos a observar pessoalmente parece que dá indicio do contrário. Nos meses de setembro e outubro de 1955 houve uma epidemia de coqueluche em *Kubenkrâkein* da qual foram vítimas muitas crianças da aldeia. Os índios, homens, mulheres e crianças abandonaram temporariamente a aldeia considerando-a envenenada e fugiram para a caatinga. De lá desprevenidos, sem recursos das suas roças e por causa da viagem comprida no sol ardente e na chuva a epidemia piorou mais. Faleceu entre outros também o menino *Tep-Krâ-Ngrî* — “(do) peixe (a) cabeça pequena”, filho do índio *Ngoi-Kó* e sua esposa *Iramé*. Já dois anos antes aquela criança quase perecia numa trovoadas; caiu o raio na choupana onde estava assentada *Iramé* com o filhinho no colo. Em consequência a mãe cegou durante um dia ao passo que o menino ficava são e salvo. Os índios enterraram *Tep-Krâ-Ngrî*, vítima da terrível tosse na caatinga. Foi justamente nos primeiros maus tempos da época da chuva. Um dia durante uma trovoadas tremenda um raio caiu no sepulcro do menino, destruindo-o. Chegou uns dias depois um grupo de índios na nossa aldeia trazendo com grande emoção e agitação a notícia e dizendo ainda que eles tinham achado vazio o sepulcro, que foi *Bebgorórotî* que não tinha logrado matar o menino dois invernos atrás, que agora o tivesse raptado. Terminaram o relatório turbulento assim:

*Aibîi Bebgorórotî nadyén kuté kubín me koikwá-kam ô-uabi* — “agora (do) *Bebgorórotî* (o) raio aquê (o menino) matou e céu — para levou”

O fato singular não permitirá muitas conclusões de umas supostas relações de *Bebgorórotî* com os mortos, mas certamente é outra prova das crenças dos *Gorotîre* no seu poder pavoroso, sua valentia e vingança infalível que não deixa enganar-se nem pela morte.

## II

Para expor ainda mais ao vivo a figura de *Bebgorórotî* seja ajuntada aqui uma reprodução ao seu mito mais importante que mostra melhor as linhas características da sua personalidade numa tradução livre na forma pela qual o povo conta suas lendas no folclore. A tradução não contém de forma alguma invenções do autor mas assume o que o narrador índio está ajuntando com gestos e uma espécie de apresentação teatral que certamente faz parte integral da narração e a conduz para frente, e algumas frases em comentário, para a melhor compreensão, obtida por perguntas complementares aos índios e pela experiência cotidiana no convívio com a tribo.

Segue depois o texto original na língua caiapó como contavam o mito entre outros os índios *Ngo-Nyon-Tî* — (água suja grande), um velho guerreiro e historiador da aldeia *Gorotîre*, o idoso cacique *O-Ket* (semente não), falecido no inverno de 1957 e o guerreiro *Ngoi-Pá* (Pá-matador) de *Kubenkrâkein*, com uma tradução interlinear ao pé da letra. Assim será pintado *Bebgorórotî* também com as próprias palavras dos índios. A comparação desta narração para nós muitas vezes fragmentária, porque dirigida a um auditório índio que dispõe de imagens e fantasias dum mundo para nós estranho, as repetições e o modo de narrar, com a tradução livre talvez pode dar alguns aspectos da mentalidade e da vida espiritual daqueles índios e da personalidade da sua figura mitológica como eles mesmos a concebem.

Os sons na língua caiapó são reproduzidos quanto possível com o alfabeto português. Os acentos exprimem a tônica do vocábulo e o til a nasalização.

- “e” e o “o” são pronunciados abertamente como em português: fé e pó
- “i” pronunciado longamente como em alemão “Igel”
- “o” tem o valor alemão de “ohne”
- “ö” é como o alemão “ö” em König”
- “ü” é um som entre o “ü” em alemão “Krüge” e o “u” em português “puro”.
- “w” tem o valor inglês de “well”
- “y” é igual ao “h” em português “filho”

Na tradução interlinear ao pé da letra substantivos, pronomes, adjetivos e verbos invariáveis com exceção de omissão de letras e sílabas que os índios fazem na conversa, são empregados na respectiva forma (gênero, número, grau, tempo e modo). Entre parênteses serão indicados pequenos complementos e explicações necessárias para a compreensão

### HISTÓRIA DO HOMEM QUE VIROU CHUVA

Um dia, faz muito tempo, os índios *Gorotire* saíram a caçar pelas matas *Bebgoróroti* fazia parte desse grupo. Foram bem sucedidos, conseguindo abater uma anta, cabendo a *Bebgoróroti* o encargo de, com a ajuda de alguns companheiros, esfolar o animal, enquanto os outros, acorados ou de pé formando um círculo, observavam o seu trabalho. Extraídas as vísceras, *Bebgoróroti* afastou-se à procura de um lugar, exposto ao sol, a fim de pô-las a secar. Durante sua ausência os seus companheiros repartiram entre si, toda a carne da anta, de modo que nada restou para *Bebgoróroti*. Quando este voltou e não encontrou a sua parte, sentiu-se logrado e ficou furioso. “Dai-me a parte que me toca, reclama ele. Por que não estive presente à partilha ficarei sem nada? — “Você tem as tripas; que fique com elas!” responderam-lhe. E ele, exaltado, retrucou-lhes aos gritos: “Se me recusais uma parte da presa, as tripas não me interessam e de vós eu me despeço”. Os companheiros pouco ligaram aos seus protestos e alguns ainda lhe disseram: “Vá para a casa e deixe-nos em paz” e outros observaram “Tuas mãos ainda estão tintas de sangue, vá lavá-las!” *Bebgoróroti* à distância pôde responder-lhes: “Minhas mãos continuarão ensanguentadas”, e foi-se embora cheio de ira. Chegando em casa chamou a mulher e os filhos. “Venha cá, disse à esposa, e sente-se aqui que eu vou cortar-lhe os cabelos” “Por que isto? indagou a mulher” “Porque sim”, respondeu *Bebgoróroti*. A mulher sentou-se no chão, ele cortou-lhe os cabelos, que compridos e fortes lhe caíam sobre os ombros, deixando-lhe um triângulo raspado das têmporas ao cocuruto.

Raspou, também, as cabeças das crianças, e ordenou à mulher que lhe fizesse o mesmo. Desde então, todos os índios *Gorotire* da aldeia, raspam do mesmo modo a cabeça; sendo por isso chamados *Kuben-Krã-Kéin*, ou gente de cabeça raspada.

Depois de ter raspado o seu próprio cabelo e os de sua família, *Bebgoróroti* falou à esposa: “Mulher, eu estou subindo ao céu” Perguntou-lhe então a mulher: “Por que isto?” ao que respondeu ele: “Porque sim”. Então a mulher crivou-o de perguntas, até que afinal ele lhe contou “Fui à caça com os homens, e juntos matamos uma anta, fui eu quem a trinchei e tirei-lhe as vísceras, mas da presa nada me deram. Agora não quero saber mais dos homens, por isso eu subo ao céu” Falou-lhe então a mulher: “Ah! agora eu estou compreendendo” *Bebgoróroti* ainda recomendou à esposa: “Quando eu me fôr e estiver no céu, você não saia nunca de casa, e também os nossos filhos devem ficar sempre ao pé da árvore que está junto à nossa casa” Ainda tomado de ira *Bebgoróroti* foi para o mato e lá achou o jenipapo, até então desconhecido pelos índios. Voltou para casa, mastigou o fruto achado e com a tinta que obteve dessa mastigação pintou-se a si mesmo, assim como toda a família. Desde então os índios se pintam dessa forma. *Bebgoróroti* aprontou, então, um enorme cacete, em forma de espada, e pintou, também, de preto o cabo, e esfregando a ponta com suas mãos, ainda vermelhas do sangue da anta, tornou-a de um vermelho vivo. Por esse motivo, até hoje os índios pintam de preto o cabo de seus tacapes, com os quais eles vão à guerra e a ponta de vermelho escarlate com o fruto de urucu.

*Bebgoróroti*, depois disso saiu com o seu tacape, subiu para o alto da serra, gritou e protestou contra os homens que o enganaram. Seus gritos eram como os dos homens, quando saíam para caçar porco do mato. Eram berros vigorosos e ecoavam como o trovão. Os guerreiros vieram correndo de todos os lados. Chegaram ao pé da montanha, onde *Bebgoróroti* acabava de subir. O primeiro relâmpago cortou o espaço, o primeiro trovão ribombou, e na luz fulgurante de um raio, viram *Bebgoróroti* escalar a montanha. “Matemo-lo gritaram alguns”; é loucura, replicaram outros, “ele nos exterminará”. Novamente *Bebgoróroti* lançou um raio que cegou momentaneamente os guerreiros “Devemos matá-lo”, gritaram os mais corajosos, “É estultice, isto vos custará a vida”, disseram outros. E fugiram amedrontados para a mata. Aquêles que ficaram gritavam de novo e zombavam “Queremos matá-lo”, ele, só se faz de forte mas, na verdade, é fraco e manso. Eles estenderam seus arcos e flecharam *Bebgoróroti*, mas sem ímpeto bastante as flechas iam caindo ao pé dele. *Bebgoróroti*, então lançou seu gigantesco tacape e um raio poderoso caiu sobre seus perseguidores e o trovão estronhou. Com o raio *Bebgoróroti* matou todos os que se tinham juntado na caatinga,

ao sopé da montanha. Apenas os que se tinham escondido no mato escaparam com vida. Depois, *Bebgorórotí* continuou subindo até chegar ao céu. Transformou-se no mau tempo, virou chuva. Desde então *Bebgorórotí* caminha sobre a abóbada celeste. A chuva cai violentamente onde ele passa e quando lança seu tacape, raios fulgurantes cortam o espaço e trovões ribombam fazendo tudo estremecer. Com seu tacape ele mata na aldeia, mata na caatinga e não poupa quem navega nas águas. Há muitas e muitas luas que *Bebgorórotí* levou sua mulher e seus filhos para viverem com ele nos céus.

## O TEXTO ORIGINAL DO MITO

	<i>Meõ</i>	<i>Be</i>	<i>Na</i>					
	Homem	Virou	Chuva					
<i>Mebemokré</i>	bo	—	<i>kam</i>	<i>tem</i>	<i>mru</i>	<i>ari éin</i>	<i>me</i>	<i>kuni</i>
Goiotire	mato	—	ao	foram	caça	caçar	homens	todos
<i>Abén</i>	—	<i>puđyí</i>	<i>kukrüt</i>	<i>bin</i>	<i>Nyüm-kam</i>	<i>Bebgorórotí</i>	<i>boi</i>	
Juntos	—	unidos	anta	mataram	Então	<i>Bebgorórotí</i>	veio	
<i>Kikrut</i>	<i>õbogne</i>	<i>In</i>	<i>bit</i>	<i>õ-kató</i>	<i>me</i>	<i>kunyó</i>	<i>Nyum-kam</i>	
Anta (êle)	trinchou.	Tripas	apenas	fêz-sair	e	secou	Então	
<i>aben</i>	<i>iré</i>							<i>Akubün</i>
entle	si	pedaços	(da carne da	anta os	homens	dividiram)		De volta
<i>ten</i>	<i>mru</i>	<i>abéia</i>	<i>kam</i>	<i>ngrü</i>	:	<i>I-mó</i>	<i>go</i>	<i>gári</i>
foi	carne	buscar	e	fuioso (ficou)		"A mim	—	vós
<i>mru</i>	<i>kangã</i>	<i>i</i>	<i>bit</i>	<i>õmõ</i>				
carne	dês	tripas	apenas	leve!"	(êle disse)			
<i>meõ</i>	<i>kabén</i>	<i>Mi,</i>	<i>mru</i>	<i>in</i>				
Homens	falaram:	Pega (da	caça (as)	tripas!				
<i>Bebgorórotí</i>		<i>Ba</i>	<i>On!</i>	<i>Meõ</i>				
<i>Bebgorórotí</i>	(disse)	Eu	Vou-me embora!	Homens (disseram):				
<i>Mõ</i>	<i>mru</i>	<i>in</i>	<i>õ-ten!</i>	<i>A</i>	<i>nikrá</i>			
"Vai (da	caça (as)	tripas	leva!"	"Tuas	mãos			
<i>kuõn!</i>	<i>Bebgorórotí</i>	<i>kabén:</i>	<i>katí,</i>	<i>mru-</i>				
lava!"	<i>Bebgorórotí</i>	falou	"De forma nenhuma, (da	caça				
<i>-in</i>	<i>õ-tén</i>	<i>ket</i>	<i>Meõ</i>	<i>kabén</i>	<i>mru</i>	<i>ami</i>		
(as tripas	levo	não"	Homens	falaram (da	carne	tuas		
<i>nikrá</i>	<i>kuõn</i>	<i>Bebgorórotí</i>	<i>Katí</i>					
mãos (sujas)	lava!"	<i>Bebgorórotí</i>	"De forma nenhuma,					
<i>kwarikwái</i>	<i>raã!</i>	<i>kikrié — kam</i>	<i>uruboi</i>					
não queio	assim	fiquem (sujas)"!	Casa — a	foi				
<i>pron</i>	<i>kabén</i>	<i>amre</i>	—	<i>apíõn</i>	<i>A-nó</i>			
(à) espõsa (êle)	falou:	vem	—	depressa	a	ti		
<i>yakó</i>	<i>pron</i>	<i>kabén</i>	<i>mókam?</i>	<i>Bebgorórotí</i>				
raspo a cabeça"	espõsa	falou:	"por que?"	<i>Bebgorórotí</i>	(disse):			
<i>Biri</i>	<i>Pron</i>	<i>mókam?</i>	<i>Bebgorórotí</i>					
"porque sim"	Espõsa (disse):	por que?"	<i>Bebgorórotí</i>	(repetiu)				
<i>biri</i>	<i>pron</i>	<i>mókam?</i>	<i>Bebgorórotí</i>					
Porque sim	Espõsa (perguntou)	"Por que?"	<i>Bebgorórotí</i>	(disse)				
" <i>Amre-ten</i>	<i>ba</i>	<i>a-mó</i>	<i>yakó;</i>	<i>kam</i>	<i>nyum</i>			
"Vem-cá	eu	a ti	raspo a cabeça",	e	então			
<i>yakó</i>	<i>nyú</i>	<i>príõn-me</i>	<i>krá-me</i>					
(para) raspar a cabeça (ela se)	sentou (Ã)	espõsa-e (aos)	filhos-também					
<i>yakó</i>	<i>me</i>	<i>pron</i>	<i>yakó</i>	<i>ano</i>				
Raspar a cabeça	e (à) espõsa	raspar a cabeça (dêle mesmo)	mandou					
<i>kam arup</i>	<i>yakó</i>	<i>kuté</i>	<i>kabén:</i>	<i>i-prón</i>				
e já	(tenho raspadas as cabeças)	êle	falou:	minha-espõsa				
<i>ba</i>	<i>koikwá-kam</i>	<i>aibíri</i>	<i>oiõ</i>	<i>kam</i>	<i>pron</i>	<i>mókam?</i>		
eu	céu-paia	agora	vou	E	espõsa (perguntou):	"por que?"		
<i>Bebgorórotí</i>	<i>Biri.</i>	<i>Pron</i>	<i>mókam?</i>	<i>Bebgorórotí</i>				
<i>Bebgorórotí:</i>	Porque sim".	Espõsa (disse)	Por que?"	<i>Bebgorórotí:</i>				
<i>Biri</i>	<i>meõ</i>	<i>kukriül</i>	<i>bin</i>	<i>ba</i>	<i>urubói</i>	<i>nyüm-kam</i>		
"Porque	homens	anta	mataram	eu	vim	então		

	<i>kukrüt</i>	<i>õbõgne</i>	<i>kaigó</i>	<i>Pron:</i>	<i>mókam?</i>
(e a)	anta	trinchei	à toa"	Espõsa: (perguntou)	"Por que?"
<i>kam</i>	<i>Bebgorórotí</i>		<i>bíri</i>	<i>ba</i>	<i>on</i>
e	Bebgorórotí (disse):		"Porque sim",	eu	vou-me embora
<i>koikwá-kam</i>	<i>uabí.</i>	<i>Pron</i>		<i>Á!!</i>	
céu - para	subo"	Espõsa (exclamou):	"ah, ah,	(agora eu compreendo)".	
<i>Bebgorórotí</i>	<i>ba</i>	<i>uabí</i>	<i>kwarikwái</i>	<i>ba</i>	<i>katóro</i>
Bebgorórotí (disse)	Eu tendo	subido,	não deves	tu	sair
<i>ket;</i>	<i>pin</i>				<i>krat</i>
não; (da)	árvore (que está ao lado da nossa casa ao)				pé
<i>i-krá</i>	<i>õ-nyú</i>	<i>kikre</i>	<i>kot</i>	<i>i-krá</i>	<i>onyú</i>
meus-filhos	fiquem, (de)	casa	perto	meus filhos	fiquem";
<i>aibíri</i>	<i>õ-yog,</i>	<i>krá-me</i>	<i>prón-me</i>	<i>õyog</i>	<i>mrotí</i>
agora (se)	pintou,	filhos-e	espõsa-também	pintou (de)	jenipapo
<i>õyog</i>	<i>meõ</i>	<i>kuté</i>	<i>mrotí</i>	<i>pumúí</i>	<i>ket</i>
(os) pintou	Homens aquêles	(naquela época)	jenipapo	conhecera	não;
<i>ngrú-kam</i>	<i>Bebgorórotí</i>	<i>mrotí</i>	<i>pumú</i>	<i>me</i>	<i>kamía</i>
Ira-na (sua)	Bebgorórotí	jenipapo	achou e	mastigou(-o)	para (se)
<i>yõg</i>	<i>men-tük.</i>	<i>Bebgorórotí</i>	<i>kabén</i>	<i>ba</i>	<i>on</i>
pintar (de)	preto.	Bebgorórotí	disse:	"Eu	vou-me embora,
<i>ba</i>	<i>ten</i>	<i>ga</i>	<i>yaren</i>	<i>ket-met</i>	
eu tendo ido,	tu (não)	contes	nada de forma nenhuma	(a ninguém)"	
<i>grãire</i>	<i>õ-uabí</i>		<i>arup</i>	<i>kob.</i>	<i>toit</i>
serra (êle)	subiu		—	tacape-espada	forte
<i>nípét</i>	<i>nikrá</i>	<i>kukrüt</i>	<i>kamrõ</i>		<i>kob-krá</i>
(se) fêz (com as)	mãos	(de)	anta	sangue (sujas) (do)	tacape-(a) ponta
<i>ngó</i>	<i>ne-kam</i>	<i>kóródyá</i>	<i>me</i>	<i>kóródyá</i>	<i>ne-kam</i>
tingiu	Então (êle)	gritou e	bradou.	Então	homens
<i>uruprón.</i>	<i>Kuté</i>		<i>angrú</i>		<i>mén</i>
acudiram'	Aquêles	(como os que um)	porco brabo	perseguem	
<i>okórodyá</i>	<i>borák</i>	<i>Me</i>	<i>kuní</i>	<i>pront</i>	<i>me</i>
gritou	semelhante	Homens	todos	acudiram;	Homens
	<i>grãire</i>	<i>krat</i>	<i>pont</i>	<i>ne-kam</i>	<i>grãire</i>
(da)	serra (ao)	pé	chegaram.	Quando (à)	serra
<i>orõ</i>	<i>pront,</i>	<i>Bebgorórotí</i>	<i>nadyéin</i>	<i>kumén</i>	
chegaram	correndo depressa	Bebgorórotí (um)	raio	lançou (contra (êles)	
<i>nyúm-me-kam</i>	<i>omú</i>	<i>me-kam</i>	<i>Bebgorórotí</i>	<i>grãire</i>	
Então	viram (no).	E então	Bebgorórotí (da)	serra	
<i>imõkri</i>	<i>uabí</i>	<i>Meõ</i>	<i>kabén</i>	<i>guai-kubúire</i>	<i>atéma</i>
por cima	subiu	Homens	falaram	matemo (-lo)	outros
<i>meõ</i>	<i>katí! go</i>	<i>guai-ba</i>	<i>bin</i>	<i>aité</i>	<i>nadyéin</i>
homens	"Não — (êle)	nós	matará"	De novo (êle lançou um)	relâmpago
<i>meõ</i>	<i>kabén:</i>	<i>kati</i>	<i>guai-on</i>	<i>kubúire,</i>	
homens	falaram:	De forma nenhuma	vamos	matá(-lo),	
<i>meõ</i>	<i>ta</i>	<i>ét</i>	<i>uabõ — met</i>	<i>krúa</i>	
homem	êsse	mente (em verdade é)	manso — demais"	Flechas	
<i>rén</i>	<i>kaigó.</i>	<i>nyúm-kam</i>	<i>Bebgorórotí</i>	<i>ngrú</i>	
atiraram (-lhe)	à toa	Então	Bebgorórotí	furioso	
<i>pái</i>	<i>— kam</i>	<i>nadyéin</i>	<i>mén</i>	<i>me</i>	<i>nakrikrit</i>
vingança	— por (êle)	raios	lançou	e	travão
<i>Me</i>	<i>kuní</i>	<i>nimén</i>	<i>kapót-kam</i>	<i>grãire</i>	<i>krat</i>
Homens	todos	matou	caatinga-na (da)	serra- (o)	pé
<i>me</i>	<i>kuní</i>	<i>nimén,</i>	<i>meõ</i>	<i>bõ — kam</i>	<i>oabdyú</i>
homens	todos	matou,	homens	mato — dentro	escondidos
(apenas ficavam)	<i>tin.</i>	<i>Nyúm-kam</i>	<i>koikwá-kam</i>	<i>uabí</i>	
	vivos.	Então	céu para	subiu	
<i>koikwá</i>	<i>imõkri</i>	<i>mrai</i>	<i>akati — kunikut</i>	<i>me</i>	<i>kupá</i>
(do)	céu	por cima (êle)	anda	dias — todos	homens
(seu)	<i>kob</i>	<i>õ-kapéri</i>	<i>—</i>	<i>dyõ</i>	<i>me</i>
tacape-espada	faz-ares.	—	pelos (gitar)	e	raios
<i>me</i>	<i>na-krikrit</i>	<i>kató.</i>	<i>kob</i>	<i>kimbe</i>	<i>me</i>
e	trovões	saem. (Com seu)	tacape-espada (na)	aldeia	homens

<i>kubín</i>	<i>bõ</i>	<i>-kam</i>	<i>me</i>	<i>kubín</i>	<i>kapót-kam</i>	<i>me</i>
mata	selvas	dentro	homens	mata	caatinga-na	homens
<i>kubín</i>	<i>ugói-kam</i>	<i>me</i>	<i>kubín</i>	—	<i>Arup</i>	<i>mutrúre</i>
mata	água-dentro	homens	mata.	—	Já (fêz)	luas
<i>kram-tí</i>	<i>kuté</i>	<i>prón-me</i>	<i>kra-me</i>	<i>koikwá-kam</i>		
multidão-grande (que)	êle	espôsa e	filhos-também	céu-para		
<i>õ-uabí</i>						
levou para cima'						

## III

Finalmente, outra vez se impõe ao autor a convicção de que todos os mitos, crônicas e lendas dos povos em geral refletem além de certa afinidade e traços comuns entre si uma concepção ideal e filosófica da vida e do meio, entrevista, através de suas originalidades e peculiaridades

Admiramos com os gregos e romanos a epopéia imortalizada pelos seus poetas, que, ao lado do louvor estético, significaram também o pensamento e a representação de idéias e crenças dos seus tempos. Hesíodo e Ovídio deixaram na perpetuidade da poesia o retrato de seus compatriotas. O perfil de Jupiter Tonante e Zeus ficou impresso na memória dos tempos enfeitando no punho a forja dos raios. E o receio do poder sobre-humano inscreve-se no provérbio romano — "Procul a Jove, procul a fulmine"

E os silvícolas que também têm seu aedos e intérpretes que ao redor das fogueiras, do crepúsculo até noite alta na praça da aldeia passam de geração a geração suas histórias e feitos, aguardam a forma estável e duradoura, recriada pelo tom de seu gênio poético ainda por surgir

Ao cientista, ao etnólogo ao que, com mente especulativa os vai surpreender na espontaneidade da sua vida, cabe trazer para o nosso mundo o que observou e recolheu em fontes tão ricas e belas.